

SOBRE CULTURA INFANTIL AMAZÔNIDA: VIVÊNCIAS DE CRIANÇAS DA COMUNIDADE DO CUJARI, ABAETETUBA-PA

ABOUT AMAZON CHILDREN'S CULTURE: EXPERIENCES OF CHILDREN FROM THE CUJARI COMMUNITY, ABAETETUBA-PA

Eliana Campos Pojo Toutonge¹
Rosenildo da Costa Pereira²

RESUMO

O estudo reflete a produção de crianças de uma comunidade rural de Abaetetuba-PA, com o objetivo de compreender seus mundos infantis e demais processos de vida. A investigação de abordagem qualitativa, envolveu o aprofundamento bibliográfico e empírico, este último com o uso de observação, entrevistas e fotografia. Como parte dos resultados obtidos pela pesquisa, constatamos que o cotidiano das crianças se encontra em estreito relacionamento com pessoas, de convívio com o lugar e com a natureza amazônica. Além disso, as interações das crianças da comunidade Cujari perpassam os espaços sociais, sobressaindo o brincar partilhado por crianças e adultos, logo, trata-se de uma comunidade brincante, presentificada nos espaços desse território rural.

Palavras-chave: Infâncias; brincadeiras; educação infantil; comunidade Cujari.

ABSTRACT

The study reflects the production of children from a rural community in Abaetetuba-PA, with the objective of understanding their children's worlds and other life processes. The qualitative approach investigation involved bibliographic and empirical deepening, the latter with the use of observation, interviews and photography. As part of the results obtained by the research, we found that the children's daily life is in close relationship with people, living with the place and with the Amazonian nature. In addition, the interactions of the children of the Cujari community permeate the social spaces, highlighting the play shared by children and adults, therefore, it is a playful community, present in the spaces of this rural territory.

Keywords: Childhoods; pranks; child education; Cujari community.

¹ Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP). Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: elianapoj@ufpa.br. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7466-3996>

² Pedagogo e Antropólogo (UFPA). Mestre em Educação pela (UEPA) e Doutor em Antropologia Social pela (UFPA). Servidor Público da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Abaetetuba-Pará. E-mail: rosenildo.pereira@gmail.com. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-8747-5276>

INTRODUÇÃO

Este estudo é parte do projeto “A Circularidade do saber em territórios rurais do município de Abaetetuba-PA: o ensinar-aprender de crianças pela diversidade e cultura”³, que é uma das atividades do Grupo de Pesquisa e Extensão *De Bubuia Amazônica – Infâncias, Territórios rurais e Processos educativos e culturais*. Assim, desde 2019, viemos dialogando com as crianças da comunidade Cujari, Abaetetuba-PA, na perspectiva de captar sua produção infantil, e acreditando que a cultura infantil integra o patrimônio cultural de uma comunidade.

A construção da pesquisa parte do reconhecimento das crianças como seres sociais e históricos, determinados a partir das relações e contraposições da sociedade. Acreditamos que elas “são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e, também, ver o mundo a partir do seu ponto de vista” (Kramer, 2007, p. 15).

Socialmente, acredita-se que a infância é um tempo importante da/na vida da criança. No entanto, esse período não se restringe a uma época da vida ou figura cronológica, como observa Kramer:

[...] como categoria social e como categoria da história humana, englobando aspectos que afetam também o que temos chamado de adolescência ou juventude. Por outro lado, a infância é entendida como período da história de cada um, que se estende, na nossa sociedade, do nascimento até aproximadamente dez anos de idade (Kramer, 2007, p. 16).

A criança e o tempo infantil, de certa forma se fundem no brincar, pois é a centralidade da vida de uma criança. Brincar tem uma influência substancial no crescimento infantil, no amadurecimento, portanto, é a energia vital em plenitude. Nesse âmbito, nasceu o interesse em pesquisar a produção cultural de crianças residentes em contexto rural, frente suas ações, desejos e condições de vida.

A pesquisa se propõe a compreender em que tempos e espaços a criança da comunidade Cujari produz cultura. Perpassa a seguinte questão: Como se constitui a cultura infantil das crianças da comunidade do Cujari, considerando seus brincares e suas interações no cotidiano vivido? Tornaram-se os objetivos específicos: estudar a

³ Projeto aprovado pelo edital nº 07/2018/Prodoutor, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP/UFPA).

cultura infantil, fazendo nexos com as realidades das crianças, suas infâncias no território e mapear o cotidiano do brincar e do interagir das crianças da comunidade.

Nesse processo, ficou evidente o pouco material tratando das crianças em territórios rurais na/da região do Baixo Tocantins, sobretudo no *lôcus* desta pesquisa, o que nos alertou para a importância de empreender a pesquisa, para colaborar com a comunidade local, disseminando e gerando conhecimento científico a partir dos saberes produzidos cotidianamente nas diversas formas de interações das crianças com seu meio social e local.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, focalizando os processos educativos vividos por crianças que residem em contexto rural. Logo, atenua-se a tradicionalidade de colocar o sujeito da pesquisa como simples objeto para obtenção de dados e, nesse sentido, a empreitada enveredou por posicionar as pessoas como coautores ou participantes do estudo, como sujeitos ativos. Pensamos que todas as pessoas em interface com os espaços, culturas, tempos, experiências, trocas são fontes originárias de conhecimentos com potencial a produzir mais saber (Brandão, 2007).

Integrando o caminho metodológico, o estudo envolveu as pesquisas bibliográfica e de campo, além do uso de documentos oficiais da comunidade, como atas e programações festivas. Como parte dos estudos teóricos foram utilizados referenciais tratando da singularidade das crianças, das infâncias na Amazônia etc. e, na pesquisa empírica, os dados foram construídos por meio do trabalho de campo, pensado como “[...] uma vivência, ou seja, o estabelecimento de uma relação produtora de conhecimento, que diferentes categorias de pessoas fazem [...]” (Brandão, 2007, p. 12).

Entre os autores que discutem temas afins, na investigação foram estudados os referenciais de Borba (2006, 2007, 2008), Barbosa (2007), Brandão (2015), Kramer (2007) entre outros, que abordam e pesquisam a criança e sua produção.

Participaram da investigação doze crianças na faixa etária de 04 a 12 anos, bem como, homens e mulheres na faixa etária de 33 a 89 anos. Destacamos também, que as

contribuições foram devidamente autorizadas com o Termo Livre e Esclarecido dos participantes.

Tomando as discussões acerca da criança e da infância referidas aqui, nesse texto/estudo, meninos e meninas com até 12 anos de idade foram incluídos na categoria criança, devido estarem em interação de pares, sentimentos, produção de suas vidas. E, principalmente, porque elas assim se consideravam durante suas participações na investigação.

Cujari é uma comunidade agroextrativista, certificada com documento emitido pelo Instituto de Terra do Pará. Situa-se na área rural/do campo do município de Abaetetuba, cuja localização fica na estrada de Beja a uma distância de 21km da área urbana e do ramal Cujari a 03 km da entrada deste (UFPA, 2018). Segundo moradores, faz limites com o rio Arienga que nasce na praia de Beja, com o rio Santa Rosa e com o Itacupi. Ou seja, a comunidade é entrecortada por águas dos rios e de igarapés.

Na comunidade há, aproximadamente, trinta e seis crianças na faixa etária entre um ano incompleto e doze anos de idade, dentre essas crianças, quatro estudam na Vila de Beja. Também, têm quatro mulheres grávidas, cuja nascença acontece neste ano. Nessa comunidade, há conjunto de sessenta famílias, nas quais estão as crianças e as mulheres grávidas. Ainda, é comum dentro das casas de uma mesma família morar mais de um grupo familiar, sendo filhos e filhas que se casaram e continuam morando com os pais⁴. Vale ressaltar que existem famílias que utilizam suas casas somente nos fins de semana, outras para passar no período de férias em julho, estes dois últimos casos, por morarem em outros locais, como a sede da cidade de Abaetetuba, por exemplo.

Para realizar a investigação, houve, inicialmente, um diálogo com o presidente da Associação dos Moradores e com a líder da Igreja Católica sobre a pesquisa. Esta escolha de conversar, primeiramente, com os adultos foi uma estratégia de nos aproximar das crianças quando dos encontros em suas casas, quintais, caminhos ou na escola. Assim, vagarosamente, ocorreu entrosamento e as conversas fluíram durante a pesquisa.

⁴ Tais dados quantitativos foram apurados com a contribuição da moradora Carmita Ribeiro (2022), a quem manifestamos nosso agradecimento. Também, para as lideranças da associação, Irineu e Carmem Lúcia, pela hospitalidade e colaboração.

Por meio de observações *in loco*, fixamos o olhar nas práticas infantis vividas na comunidade, captando a “natureza, pessoas, famílias”, em que os membros pertencentes deste lugar escolhiam para dizer de suas vidas (Brandão; Borges, 2014, p. 2). Visitando os espaços e dialogando com as pessoas, circulamos no território adentrando no aspecto geográfico e social. Como instrumentos para a coleta de dados, foram utilizados a fotografia, as conversas informais e as entrevistas com alguns adultos e algumas crianças, tudo visando entender os meandros socioculturais e educativos da comunidade.

Assim, o conteúdo deste escrito trata da cultura infantil em diálogo com conceitos teóricos e experiências das crianças da comunidade Cujari, Abaetetuba, Pará. O texto está organizado em duas seções, além desta introdução que situa a pesquisa e um pouco sobre o *locus*. A primeira seção abrange relações teóricas e a análise de aspectos socioculturais das produções infantis, enfocando as peculiaridades daquela comunidade. E as considerações, com algumas sinalizações das experiências e das vivências infantis presentes na comunidade Cujari.

CRIANÇAS E INFÂNCIAS

As crianças são pessoas construídas na dinâmica social, mediante sua experiência de vida. Para Kramer (1999, p. 2):

As crianças são seres sociais, têm uma história, pertencem a uma classe social, estabelecem relações segundo seu contexto de origem, têm uma linguagem, ocupam um espaço geográfico e são valorizadas de acordo com os padrões do seu contexto familiar e com a sua própria inserção nesse contexto. Elas são pessoas, enraizadas num todo social que as envolve e que nelas imprime padrões de autoridade, linguagem, costumes.

Como vimos, sua incorporação na coletividade ocorre na mediação com os adultos, por vezes acatando e, por outras, contrariando regras preestabelecidas. À luz dessa discussão, Brandão (2015) postula que as crianças vivem

formas próprias de realizações da vida como sistemas de símbolos e de significados, de gestos e de estruturas de interação que [...] recriam e experimentam dentro do mundo de vida e de culturas que são as nossas, as dos mundos sociais do poder dos adultos, e que oferecemos ou impomos a elas (Brandão, 2015, p. 111).

Alicerçando-se em estudos interacionistas, o autor destaca ainda a criança como

um sujeito interativo “para dentro e para fora” como um alguém que aos poucos vai se tornando quem é, e em quem se transforma, como um ator ativo e progressivamente consciente de suas interações com os seus outros dentro e ao longo de momentos, de situações, de cenários e de cenas socioculturais (idem, p. 101).

Assim, compreendemos que as crianças detêm um jeito ativo e interativo de ser e viver no/com o mundo, elas agem e pensam a partir das relações sociais e, dessa forma, vão se desenvolvendo em diferentes dimensões da vida humana; elas aprendem e acumulam conhecimentos desde a tenra idade. Elas, concretamente, produzem, criam, recriam e computam percepções pessoais, pontos de vista e se manifestam.

Por meio da convivência, do diálogo, da participação ativa das crianças em suas produções brincantes, arteiras, intergeracionais, elas vão desenvolvendo funções cognitivas, lógicas de vida, acabam por fundar suas próprias identidades pessoais e sociais. Porém, é preciso considerar as mediações e os contextos sociais nos quais estão inseridas.

Crianças desejam viver ao ritmo do seu corpo e na banalidade do dia, são “regidas pela vocação cultural do brincar” (Brandão, 2015, p. 112). Uma criança se constitui ser humano significando e ressignificando as coisas, sentimentos e ações de acordo com seu interesse e, sob o compartilhamento com os “seus iguais em imaginação e fantasias, “mundo de finge”. Pequenos intervalos cuja realidade operativa gera gestos e emoções [...]” (Brandão, 2015, p. 113). Trata-se, então, de um “sujeito recíproco” que vive seu “círculo de vida” na relação familiar, com aqueles que habitam no mesmo espaço de moradia e nos espaços para além destes sujeitos. Criança, “sujeito interativo”, que constrói laços afetivos, criados por ele na vida cotidiana, que em grupos “[...] transmuta-se na recíproca obrigação de criar uma unidade cultural de vida para fazer algo que passa a dar sentido à própria convivência” (Brandão, 2015, p. 115).

Criança, sujeito que produz cultura (Brandão, 2015; Pojo; Freitas, 2022; Kramer, 2007; Barbosa, 2007). Criança, cujo tempo é o da infância, sendo caracterizado pela sua especificidade de criar, de imaginar e de fantasiar, em que transformam e reinventam suas próprias vivências.

De todo modo, a Infância significa viver um tempo que se *autorregula*, em que o sujeito-criança elabora maneiras de sentir, de pensar e de agir. Na visão de Kramer (2007, p. 15):

Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las em também ver o mundo a partir do seu ponto de vista.

Barbosa (2007) afirma que a multiplicidade das infâncias precisa ser entendida como potência da socialização humana. Dessa forma, o modo como as crianças vivem suas infâncias está intrinsecamente ligado ao contexto social de vida e, por isso,

compreender como vivem e pensam as crianças, entender suas culturas, seus modos de ver, de sentir e de agir, e escutar seus gostos ou preferências é uma das formas de poder compreendê-las como grupo humano. Para isso, é preciso tirar as crianças da condição de objetos para deixá-las advir como agentes de sua própria ação e discurso. Significa afirmar que elas são competentes, capazes de organizar suas vidas e de participar – com suas diferentes linguagens – nas tomadas de decisões acerca dos temas que lhe dizem respeito (Barbosa, 2007, p. 1066).

Nas relações sociais, as crianças elaboram um jeito próprio de ver/estar no/o mundo. Sobre isto, estudos mais atuais (Kramer, 2007; Borba, 2008, 2007; Barbosa, 2007), afirmam que no Brasil o reconhecimento das crianças como cidadãs é considerado uma vitória, diante da luta pela compreensão desse novo ideário bem como para validação de políticas públicas dentro desse valor e para esses sujeitos. No contexto político brasileiro, tivemos a Constituição democrática promulgada em 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, como parte dos progressos legais relevantes, porém na prática, ainda carecem se tornar efetivos como legitimadores de bem viver aos pequenos.

O empenho do poder público pela garantia dos direitos às crianças requer ter políticas públicas voltadas às suas necessidades e potenciais. No tocante à comunidade do Cujari, observamos ausências de muitas ordens, mostrando o quanto as crianças residentes em áreas rurais ainda vivem um processo de exclusão social, falta-lhes acesso e educação de qualidade, bom atendimento de saúde, saneamento básico etc.

Especialmente, na educação, as crianças passam situações complicadas. O atendimento à escola na educação infantil se faz precarizada e se restringe à pré-escola. No geral, pode-se dizer que a luta da/na escola e por educação com qualidade persiste ainda hoje, com desafios de infraestrutura, na formação continuada dos professores, na falta de profissionais efetivos⁵, entre outros aspectos. Ao mesmo tempo, a escola se mantém na comunidade pela resistência dos moradores.

Essas relações, desafios, ausências dizem da condição de vida das crianças e suas infâncias. Dizem de direitos negados, negligenciados, aos poucos e de modo precário ou, da violação de direitos. Dizem do viver e das próprias produções infantis dentro e fora da escola.

Convém ressaltar que a infância, a criança e a produção infantil são aspectos bastante focados na investigação que tem se desenvolvido em campos diversos para os conhecimentos atuais, contrapondo-se a perspectivas naturalistas e desenvolvimentistas instauradas pela modernidade euro-ocidental que apresentaram a infância como uma etapa homogênea do ciclo vital e, a criança como um ser passivo e individual, reduzindo-as, como afirma Borba (2007), pelo que lhes falta.

Na atualidade, aposta-se, então, em torno de certos parâmetros que para as Ciências Humanas são essenciais, a criança como sujeito ativo e capaz de formulações a partir de suas experiências nos ciclos de vida. Esta vertente centra-se na positividade da criança, que possui autonomia para se posicionar no tempo-espço em que vive, uma pessoa relacional e protagonista da sua própria história, tudo isso associado às trocas com o outro e com o mundo, porque

as crianças se encontram em um mundo estruturado por relações materiais, sociais, emocionais e cognitivas que organizam suas vidas cotidianas e suas relações com a realidade a sua volta. É nesse contexto que vão constituindo suas identidades como crianças e como membros de um grupo social. Não devem, todavia, ser vistas como sujeitos passivos que apenas incorporam a cultura adulta que lhes é imposta, mas como sujeitos que, interagindo com o mundo, criam formas próprias de interpretação e de ação sobre a realidade. Isso porque esse contexto não apenas delimita suas ações, mas também lhes traz novas possibilidades (Borba, 2008, p. 38-39).

⁵ Tem sido constante a rotatividade de professores na escola, devido não serem efetivos da SEMEC, além disso, as vagas de trabalho estão condicionadas a questão política como nos referimos anteriormente. Recentemente, foi contratada a professora Aline da Conceição de Sousa Trindade para a turma de Educação infantil.

Com base na pesquisa empreendida e nos pressupostos estudados, reconhecemos a importância de ser coautoras neste estudo ou, simplesmente, adentrar nos seus mundos com a finalidade de conhecer esses sujeitos e suas produções de vida. Sobre este ponto, Borba (2008) afirma que as atuais pesquisas têm investido em metodologias interpretativas e etnográficas acerca dos mundos infantis, na tentativa de captar formas peculiares das crianças em distintas realidades socioculturais, regulamentadoras da sociedade ou da microssociedade construída por elas, em grupos e/ou individualmente. Esta abordagem centrada em percepções mais sociológicas e antropológicas sobre a infância está em vigor e traz o as crianças para o centro do debate, como um grupo social, de pessoas atuantes que engendram maneiras únicas de construir significado em seu mundo.

Em Abaetetuba, as produções infantis das crianças são múltiplas. Na comunidade, *lócus* da pesquisa, a vida mistura-se com as dinâmicas da cultura local, as pessoas articulam-se com a natureza, conforme traduzido por Pojo e Freitas (2022, p. 13), no “[...] movimento da natureza, seja pela temporalidade ou pela territorialidade das águas e do clima peculiar da Amazônia, seja por toda uma geografia de terras que entrecortam pontes, ramais e estradas”.

Nesse sentido, a infância não é igual para todas as crianças, conforme asseveram Borba (2006, 2007), Pojo e Freitas (2022), entre outros. É a partir dessa Amazônia *heterogênea e complexa*, em diferentes aspectos como o geográfico, o territorial, o sociocultural, o fronteiriço, que vivem as crianças ditando suas infâncias, embora saibamos que nem sempre o direito à infância vigora e estão presentes realidades de crianças expostas a violações dos direitos como ser humano.

Entendemos que, nesse contexto, as infâncias são tecidas socialmente e as crianças vivem (ou não) suas infâncias. Paralelamente, seus mundos infantis são únicos na Amazônia e o lugar social desses sujeitos é ditado por toda uma ancestralidade amazônica em sua diversidade. Considera-se, assim, as formas de habitar, de viver, as relações com o ambiente, com as tradições culturais e as atividades de sobrevivência do lugar. Nesses termos:

De modo informal, e até invisível, as crianças vivenciam em seus modos sociais a singular experiência de reconhecer o valor da flora, da fauna, das paisagens, dos ecossistemas; aprendem o valor do humano por meio de atitudes de cooperação, de empatia e de conectar-se com o mundo natural e, ainda, aprendem a conviver comunitariamente na prática social (Pojo; Pereira, 2022, p. 167).

Experimentando-se na vasta biodiversidade e sociodiversidade, elas, de várias idades e grupos, integram-se à cultura local e, dessa forma, (re)inventam suas infâncias e suas primeiras impressões do viver em sociedade.

De modo geral, as crianças em suas infâncias vivem em contextos diferenciados, embora com pontos comuns. No caso, as águas que compõem a comunidade do Cujari, do rio Arienga e do igarapé Cujari, atravessam as vivências dos sujeitos dessa comunidade, sendo também outros rios e igarapés parte da vida infantil em comunidades ribeirinhas e quilombolas.

Pelas águas, os moradores transportam suas mercadorias: mandioca, açaí, pupunha, tijolos e a madeira. Também nas águas, flui o entrosamento entre as crianças, no igarapé Cujari ou na *ponta da madeira* como é conhecido, em encontros rotineiros. O mesmo ocorre em relação ao rio Arienga. *A gente vai no rio, na maré cheia, seca, a gente toma lá banho* (Carlos Eduardo, 12 anos). Para as crianças, esse rio e esse igarapé são espaços de encontros para suas conversas, seus brincares.

Na terra, do ramal e do quintal, da floresta e da várzea, as infâncias se constituem. A terra areia, a terra macia e de lama, a terra com pedras e de árvores plantadas, as crianças habitam e produzem sentido, com a criativa construção de sua poesia crianceira: uma maneira de se sentar no chão debaixo da sombra de uma árvore reunindo um grupo em volta, e falar, correr, caminhar, pular a vida dentro dessa barca onde fazemos a mesma viagem, de sentir a mãe terra. No Cujari, as crianças ainda fazem um pouco disso.

As crianças amazônidas da comunidade convivem com um contexto específico e de diálogo com a natureza, assim, aproveitam dos ambientes com suas andanças, traquinagens e recreações. É comum estarem nos quintais ou na mata apanhando frutos, correndo entre as árvores. *Eu peguei esse galho pra brincar, é minha espada* (Emanuel Ribeiro, 04 anos). Nesses momentos, as crianças juntam-se à natureza do Cujari e nela

experimentam seus dias sentindo o vento, o corpo n'água, o andar descalço, o ar menos poluído, a sombra das mangueiras, como mencionou tantas vezes Paulo Freire em seus escritos sobre sua infância nos quintais.

Baseando-se nos estudos dos/as autores/as e na experiência amazônica das autoras deste estudo, é possível confirmar que a infância das crianças dessa comunidade e, até de outras realidades próximas desta, possui singularidades. Dessa forma, as crianças do Cujari:

- sabem dizer do lugar, devido ao convívio com moradores antigos, mais sua inserção na festividade de Santo Antônio, momento de encontros e de reavivamento de costumes e tradições;
- conhecem sobre as formas laborais da comunidade, em muitos momentos são conduzidas aos espaços da roça e do retiro em companhia de familiares. Elas não vão trabalhar, mas para acompanhar e brincar e, dessa prática, aprendem sobre os saberes laborais, ainda que brincando;
- brincam e vivem seus brincantes, já que suas ações diárias e sua movência nos espaços sociais estão imersas do/pelo brincar;
- convivem com situações adversas de acesso à educação, saúde, cultura, saneamento etc.

A partir das discussões por nós empreendidas até aqui, passamos ao item final deste texto, no aprofundamento das culturas infantis amazônicas extraídas na convivência com as crianças da comunidade de Cujari, em Abaetetuba-Pará, bem como, o cotidiano narrado pela professora da turma de educação infantil, por moradores, por pais de alunos da escola e por elas mesmas (crianças) que falam de si, de seus convívios com os adultos e com seus pares da comunidade.

Cultura Infantil Amazônica: a partir de algumas vivências das crianças

Não temos como tratar das culturais infantis na Amazônia, sem reafirmar os desafios da vasta extensão territorial da região amazônica e tocantina, somando-se a isso as realidades socioculturais que afetam diretamente as crianças (Pojo; Freitas, 2022).

As crianças que residem em contextos rurais da cidade de Abaetetuba transitam em contextos diferentes e bastante distintos, como mencionamos, são territórios ditos ribeirinhos, quilombolas, campesinos, assentados, agroextrativistas, cujos habitantes vivem às margens de rios, de estradas, de vilas e de ramais. Eles e elas habitam os territórios na maioria das 72 ilhas e nas 34 comunidades agrícolas, situadas nos ramais e nas estradas.

É nesse mosaico territorial que as crianças abaetetubenses possuem experiências diversas e vivenciam suas infâncias. Elas vivem integradas aos seus espaços de pertencimento, se envolvem com a cultura, a depender da prática social do lugar que habitam. Assim, estão envolvidas com o cultivo e o extrativismo do açaí, com as atividades na roça, na *fazição* de farinha e, com as atividades domésticas; umas utilizam meios de transporte comuns das localidades rurais como canoas, rabetas, bicicletas, outras se deslocam de ônibus enquanto outras andam bastante, quando é preciso. Algumas são frequentes nas feiras e nas praças, na companhia dos pais.

Como já dito, existe um quantitativo significativo de crianças que realizam ou acompanham seus pais/responsáveis nas atividades laborais, por isso notificamos que o trabalho infantil ainda acontece e de muitas formas, no contexto amazônico. Ao mesmo tempo, tais situações e exemplos são afirmações dos modos de vida das crianças nos ambientes rurais e urbanos do município, portanto, suas vidas são singulares, dispensando qualquer tipo de generalização.

No caso das crianças da comunidade pesquisada, experienciam a circularidade nos espaços do lugar: os cursos d'água, os caminhos, as roças, os campos de futebol, além da escola frequentada diariamente por elas. Constitui-se espaços de aquisição de conhecimento e de trocas simbólicas. Elas se socializam nessa dinâmica sociocultural local (Pojo; Freitas, 2022).

As crianças vivem infâncias que transcorrem num contato intenso com o cotidiano rural agroextrativista, embebido de similaridades com o espaço urbano, conforme comenta a professora que trabalha na comunidade:

Lá as crianças têm um jeito, pois é área de terra e fica próximo do urbano, fica na beira da pista e perto de uma fábrica. E hoje as crianças acabam estando um pouco mais urbanizadas, apesar de viverem no contexto rural, pois tem toda a questão da

tecnologia, telefone, e muitas coisas que faz com que as crianças hoje não utilizem, não brinquem e nem façam coisas que na minha época eu fazia (Maria, entrevista realizada em 2020).

Como se observa, o cotidiano urbano transita e influencia o viver na comunidade do Cujari e na realidade atual se estabelece, ainda que em escala mediana, a partir da tecnologia como o celular e o acesso à internet. Ainda assim, elas convivem de maneira mais próxima com primos, tios, irmãos, avós etc., com isso estabelecem vínculos que refletem na constituição da pessoa e como pertencente de um grupo.

O acompanhamento e as breves ajudas junto do trabalho dos pais beneficiam saberes locais e de vivência com a mata, com o rio, com a floresta. *Eu vou pra lá com minha mãe pra roça. Vejo ela, que planta, colhe, faz a farinha, é lá ô* (Lívia, 7 anos). Ainda, *as crianças prestam atenção quando a gente tá fazendo alguma coisa. Quando a gente tá na roça, cuidando dos bichos no terreiro ou em casa fazendo alguma coisa, elas ficam olhando. Pra mim elas, aprendem assim também* (moradora Marcelina Reis, 2022). Essas transmissões associadas aos processos de vida de quem mora na comunidade também vão constituindo a identidade das crianças do Cujari.

Outrossim, essas experiências agregam um repertório cultural e de sociabilidade que legitimam um processo identitário desses meninos e meninas, porque são nesses espaços que as crianças se formam culturalmente, na medida em que aprendem a conviver com os saberes das águas e da terra, aprendendo a identificar as atividades voltadas para a pesca, a roça, o retiro, o plantio e o cultivo do açaí. Sabem do tempo da brincadeira e de ir à escola, transmitidos informal e/ou coletivamente. Elas brincam, brigam, vivem a cultura e os processos identitários comunitários entrelaçadas por uma rede de significados construídos nesse processo de ser e existir. Nesse contexto, concordando com Brandão (2015a, p. 114) “a todo momento, nós mais variados lugares e nas mais diversas situações, pessoas e grupos de pessoas em interação estão fazendo e compartilhando saberes e fazeres”. Desse modo, as crianças constroem e experienciam um mundo à parte, sedimentado dentro do mundo dos adultos.

Outro aspecto observado no âmbito do que estamos identificando como parte da cultura infantil amazônica é um tipo de liberdade exercida pelas crianças. Ou seja, elas estabelecem uma relação intensa com o natural da comunidade, como demonstrado na

foto 1. Representando parte da realidade, por esta imagem, elas utilizam o ramal para brincar, nesse momento, de corrida de bicicleta como de costume e com consentimento de seus pais. Dessa forma, a relação das crianças com o lugar é atravessada pela afetividade e pode, também, ser traduzida pela história da comunidade, pela mobilidade entre localidades, exemplificada pelo corpo andando de bicicleta, em que as crianças ludicamente realizam como prática cotidiana.

Nesses termos, brincar, interagir, recrear-se são dimensões humanas e ontologicamente situada e estética, porque nos torna mais humanos e evidencia, em parte, a nossa cultura local, as formas de convívio, as relações com o ambiente.

Mais uma vez, as interações com a natureza, a circularidade nos espaços e o processo de socialização doméstico, o brincar também é um dos pilares da composição da cultura infantil construída pelas crianças do Cujari, na medida em que sedimentam maneiras, formas, jeitos e expressões das crianças entre si, como também dizem de algumas das maneiras pelas quais interpretam, representam e atuam sobre o mundo (Borba, 2006).

O brincar perpassa diferentes tempos/espacos, culturas e sociedades. É considerada uma vivência de intermediações simbólicas, históricas e de laborioso processo continuado, que estimula transformações ao sujeito que brinca. Isto sugere, portanto, trazer vozes como essas. *Eu gosto de brincar com a carroça, ela é do meu vô, eu faço dela o meu ônibus, eu faço pi pi* (Emanuel, 04 anos). *A gente brinca bola de fogo, bom tipo assim, a gente faz uma roda aí, a bola de fogo quando cai numa pessoa ela sai, aí de novo, quem fica em último é a mãe e mata o resto. A gente gosta assim, é mais divertido* (Carlos Eduardo, 12 anos). Esses dois fragmentos evidenciam o quanto as crianças reformulam brincadeiras aprendidas com seus pais, demonstrando nesse ato a capacidade de ressignificar o seu contexto de vida.

As crianças brincam bastante nos espaços da escola. Brincam em momentos de aula ou fora desse período. Durante os dias letivos, no momento do recreio, elas se juntam e brincam. São momentos em que as crianças correm, pulam, abraçam-se, observam-se uns aos outros. Mesmo sem aula, elas adentram o espaço, pois além de ser convidativo, as crianças se sentem meio “donas do espaço”, e em certa medida, sentem-

se autorizadas para entrar e, ali elas sobem e/ou pulam o muro e, utilizam-se, do quintal para suas peripécias. Elas sobem nas árvores, conversam, convivem entre pares. Podemos dizer que a escola não é vista pelas crianças tão somente como o espaço formal do aprender, pois elas frequentam o espaço o tempo todo, o que torna esse um espaço de construção social.

Elas ditam as regras das brincadeiras, dizendo o que pode e o que não pode fazer, o quantitativo de pessoas/crianças que cada brincadeira necessita, quando é que a brincadeira tem fim, o que precisa fazer para vencer cada tipo de brincadeira, como detalhado na tabela abaixo:

Quadro 01 – Brincadeiras das crianças

Brincadeira	Modo de brincar
Bandeirinha	A gente divide, pega dois pedaços de pau e coloca um pano na ponta, aí quem pegar a bandeirinha do outro, vence (Davi, 7 anos).
Pira cola	Uma pessoa é a mãe, se a mãe pegar a pessoa, ela fica colada, aí vem um de nós e tem que descolar ela do lugar. Se a mãe colar todo mundo, ela vence. Aí o primeiro é a mãe na próxima (Davi).
Cabo de guerra	Aqui na escola, a gente divide o lugar com as sandálias, fica gente de um lado e do outro, quem conseguir colocar mais gente pro seu lado, vence a brincadeira (Micael, 10 anos).
Pira se esconde	Uma pessoa é a mãe e conta até dez, a gente corre e se esconde, quem a mãe achar já sai da brincadeira (Vitória, 7 anos).
Pira alta	Um de nós que fica como mãe, e os outros ficam pendurados, no portão, no muro, no banco da escola, se alguém pisar no chão e a mãe pegar, sai da brincadeira (Maria).
Pira Fruta	Alguém é mãe também, quando ela chega na nossa frente, a pessoa deve abaixar e falar o nome de uma fruta para não sair da brincadeira (Maria, 8 anos).
Pira pega	Nessa, é só a mãe pegar um de nós que a pessoa é a mãe no lugar da outra (Laura, 7 anos).
Dentro e fora	Olha é assim, faz uma roda com todo mundo, aí o professor fala (dentro, fora), quem ficar por último sem errar o comando, vence (Fabiane, 7 anos).
Minhocão	É tipo uma minhoca, só que é plástico, a gente entra dentro e fica correndo atrás dos outros alunos (Kauê, 10 anos).

Fonte: Pesquisa de campo, 2022. Elaboração dos autores.

Na tabela acima, consta um conjunto de brincades descritas em suas formas brincantes. Sobressai suas preferências e como brincam. Mostra-se o aprendizado da autonomia exercida longe do olhar do adulto. Destaca-se o uso do corpo pelas crianças, pois elas comunicam-se com/nos movimentos, gestos e expressões feitos no decorrer do brincar. Por fim, o diálogo, quando se organizam e encontram os consensos (as ordens e

as regras) na intenção de melhorar as relações e a própria brincadeira. Ainda, a tabela mostra as variações dos brincares existentes na comunidade, como exemplo, a brincadeira bola de fogo, a qual é uma variação do brincar de *pira pega*.

Vemos que o brincar é natural para as crianças, logo, faz parte do cotidiano de cada um/uma. São brincares recheados de imaginação, de inteligência, de emoções exteriorizadas nos sorrisos, nos olhares e nas conversas entre elas.

Para Borba (2006, p. 47), o brincar pode ser visto entre tantos outros aspectos da vida humana, “[...] como produto e prática cultural, ou seja, como patrimônio cultural, fruto das ações humanas transmitidas de modo inter e intrageracional, e como forma de ação que cria e transforma significados sobre o mundo”. A autora destaca ainda que a brincadeira é uma manifestação da cultura, uma vez que se apresenta como um sistema de condutas, saberes e artefatos estruturados e acumulados pelos homens nas conjunturas históricas e sociais em que vivem.

Particularmente, a experiência do brincar não é uma mera repetição, ao contrário, é uma reelaboração feita a partir do que a criança traz consigo, sua capacidade de fantasiar, de criar e de reinventar e construir o ato brincante, que envolve o brinquedo, os brincantes e a própria brincadeira. Envolve suas emoções e sua corporeidade. Envolve estar por inteiro. Envolve a cultura. Dessa maneira, a criança carrega dentro de si uma oportunidade de transformação da sua humanidade, que sob o olhar dos adultos, por vezes, é esquisito ou é sem propósito, porque segundo a autora, a limitamos ao nosso pensar e ao nosso agir. “Reduzimos a criança a nós mesmos ou àquilo que pensamos, esperamos ou desejamos dela e para ela, vendo-a como um ser incompleto e imaturo e, ao mesmo tempo, eliminando-a da posição de o *outro* do adulto” (Borba, 2007, p. 34).

O brincar na comunidade mobiliza e movimenta pessoas, acontece nos diferentes espaços do lugar, sendo o ambiente natural, o principal elemento utilizado pelas crianças. Por isso, suas brincadeiras envolvem objetos/instrumentos/elementos como as pedras, árvores, pedaços de paus, terra, sombra, grama, animais, bancos etc. As crianças interagem com o ambiente e utilizam-se dos espaços. *A gente se reúne aqui [as crianças das demais casas], vem as crianças das outras casas* (Carlos, Livia, Kauê, Emanuel).

Elas apreciam a companhia umas das outras e, harmonizam-se por meio do brincar, e é nesse interim que elas percebem a si e ao outro, porque somos seres do aprendizado, conforme disse Brandão (2015, 2015a).

Portanto, é necessário compreender as crianças nas suas maneiras próprias de viver, de refletir e de agir, além disso, reconhecê-las como seres que podem nos inquietar com suas formas de ver o mundo, sendo, portanto, o brincar e o interagir de infantis, produções poéticas, corporais, culturais, locais, de ideias e de lógicas na maior e mais bela aventura, que é o viver no mundo social.

Brincar articula saber e cultura, e aqui reiteramos com as afirmações de Borba (2007, p. 39):

[...] A brincadeira é em si mesma é um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. Representa, dessa forma, um acervo comum sobre o qual os sujeitos desenvolvem atividades conjuntas [...].

Brincar é parte indissociável da cultura infantil, sendo a própria convivência humana de uma criança. E, concordando com Borba (2006), abrange profundos processos de conexão, “[...] entre o já dado e o novo, entre a experiência, a memória e a imaginação, entre a realidade e a fantasia” (Borba, 2006, p. 50), entendidas como práticas sociais particulares.

Em síntese, as interações e as brincadeiras sedimentam parte da cultura infantil. Inclusive, elas estão como eixos da prática educativa do ensino na/da Educação Infantil (Brasil, 2010).

Com este passeio pelas práticas brincantes, interativas e do cotidiano infantil no *locus* da pesquisa, podemos dizer que a cultura infantil amazônida possui uma historicidade e os aspectos socioculturais influenciam no que é produzido pelas crianças. É possível afirmar que a cultura infantil é uma construção coletiva da criança atuante, da criança sujeito da sua própria história, além disso, a criança torna-se, por meio de suas interações diárias, integrante da comunidade por esta produção. Portanto, a cultura infantil produzida pelas crianças de qualquer parte do mundo, também elucida a produção de existência de meninos e meninas, cujo cotidiano é o das crianças residentes do Cujari.

Nesse caso, esta forma evidenciada é potencialmente vivida nos espaços naturais como preferência, bem como ocorre nas relações estabelecidas entre crianças/escola, crianças/família e crianças/afazeres laborais, cujo atravessamento perpassa brincades e interações.

Outrossim, vimos o quanto as realidades dos contextos rurais amazônicos influenciam e constituem as infâncias das crianças que vivem em localidades semelhantes à localidade do Cujari, que ainda gritam por políticas públicas repensadas e efetivadas a partir de seu contexto, ocupando-se das necessidades e dos potenciais dos sujeitos crianças.

CONCLUSÕES

Este trabalho buscou compreender a cultura infantil produzida por crianças até 12 anos de idade, residentes na comunidade do Cujari. Nos detemos a acompanhar e adentrar no mundo infantil a partir do que vivem, pontualmente, filtrando suas formas de brincar e de interagir.

Somos sabedores que o ser criança e o tempo de infância fundamentam-se, atualmente, em diversas normativas e postulados teóricos que reverberam em políticas em prol da garantia dos direitos desses sujeitos ainda carecendo ser assegurados. Sobre este ponto, na Declaração Universal dos Direitos da Criança (princípio 2º) é citado que

A criança gozará proteção especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade (Onu, 1959).

Atualmente, a infância é vista como período útil e necessário para que a criança goze de bem viver, isto é, com qualidade em todas as dimensões do humano. A concepção de criança também mudou, tornando-se um sujeito de direitos e que dispõe de capacidade para pensar, aprender e de se relacionar com as pessoas. Isto quando pensado a partir da localidade onde realizamos a pesquisa, vimos o quanto as crianças vivem uma infância envolvida pelo brincar, pelas interações entre crianças e adultos, em relações estreitas com a natureza, com presença na escola. No entanto, foi possível

notar, também, que ainda existem ausências na mesma proporção, conforme assinalamos nesse texto.

As crianças experienciam processos dinâmicos na comunidade, por isso elas internalizam saberes, circulam nos espaços. O cotidiano demonstra que estão desenvolvendo, alegres, travessas, crianças que brincam e vão/gostam da escola. São liberadas/lutam para correr nos quintais, nos caminhos, nos ramais e nos campos, para subir/descer árvores e muros; assim mostraram-se aprendizes com as práticas que as envolve.

Destacamos ainda, que na comunidade, o brincar transita entre os espaços e atravessa crianças e adultos. São inúmeros os brincares, conforme listamos alguns, sendo o brincar de bola/futebol o mais presente por crianças e adultos. Também, a escola é um dos espaços mais utilizados pelas crianças, nos dias letivos e aos fins de semana.

Em suma, na comunidade Cujari, a cultura infantil se constrói a cada dia, permeando aprendizados, convivência, circularidade no lugar. É vivificada pela historicidade do lugar, que envolve as memórias e o cotidiano dos moradores mais antigos que de um jeito próprio socializam com as crianças, como acontece nos brincares socializados/vividos na festa do padroeiro.

Esperamos que os resultados deste trabalho também possam contribuir com a escola da comunidade no sentido de colaborar com informações sobre a cultura infantil produzida pelas crianças e, assim, possa auxiliar na reflexão sobre o sentido educativo do/no ambiente comunitário, ao mesmo tempo, que possa se constituir em uma discussão que estimule a valorização dos saberes das crianças. No que diz respeito ao aprendizado na academia, esperamos reconhecer os diversos modos de viver e das infâncias na ruralidade amazônica, tão diversa e complexa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares para Educação Infantil. Brasília: MEC, 2010.

BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: O cotidiano na Educação Infantil. **Revista TV Salto para o Futuro: Boletim 23**, 2006. p. 46-53.

BORBA, Angela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2. ed. Brasília, DF, 2007. p. 33-46. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BORBA, Angela Meyer. Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 35–50, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/749>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007.

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. Olhar o mundo e ver a criança: Ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculo de cultura. **Crítica educativa**. Sorocaba/SP, Vol.1, n.1, jan./jun. 2015. p.108-132.

BRANDÃO, Rodrigues Carlos; BORGES, Maristela. O lugar da vida: comunidade e Comunidade Tradicional. **Revista de geografia agrária**. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-23, jun., 2014.

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. **Nós, os humanos: do mundo à vida, da vida à cultura**. São Paulo: Cortez, 2015a.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**, 2007. p. 13-23.

KRAMER, Sônia. O papel social da educação infantil. **Revista Textos do Brasil**, Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 11 ago. 2023.

POJO, Eliana Campos Toutonge; FREITAS, Maria Natalina Mendes. As crianças e a natureza em contextos rurais amazônicos. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e022005, 2022. DOI: 10.24065/2237-9460.2022v12n1ID1693. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/169>

POJO, Eliana Campos Toutonge; PEREIRA, Rosenildo da Costa. Cotidiano de crianças quilombolas do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba (PA) (Ensaio fotográfico). **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, 9 (20): 165-178, maio a agosto de 2022.

UFPA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Grupo de Pesquisa e Extensão “*De Bubuia Amazônica - Infâncias, Territórios Rurais e Processos Educativos e Culturais*”. **Projeto de pesquisa** “A circularidade do saber em territórios rurais no município de Abaetetuba-Pa: o ensinar-aprender de crianças pela diversidade e pela cultura”, apresentado a UFPA. Belém: [s. n.], 2018. (mimeo).

Submetido em: 10 de agosto de 2023.

Aprovado em: 02 de outubro de 2023.

Publicado em: 01 de janeiro de 2024.

Autoria:

Autor 1: Eliana Campos Pojo Toutonge

Pedagoga. Mestrado em Educação e doutorado em Ciências Sociais (UNICAMP). Tornou-se professora lecionando para crianças e com a formação de professores/as na Educação Básica. Professora Ajunta da UFPA (campus de Abaetetuba-PA). Responsável pelo Grupo de Pesquisa e Extensão **De Bubuia Amazônica – infâncias, territórios rurais e processos educativos e culturais**. Estuda e pesquisa em Comunidades/Povos Tradicionais, especialmente com/sobre/para crianças.

elianapojo@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7466-3996>.

Brasil

Autor 2: Rosenildo da Costa Pereira

Pedagogo e Antropólogo. Mestre em Educação (UEPA). Doutor em Antropologia Social (UFPA).

Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba

rosenildopereira@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8747-5276>

Brasil